

A Igreja, “Comunidade de Amor”

Summary

In this article, the author reflects on the mystery of the Church as “Community of Love” (Benedict XVI). He considers this in the light of the Most Holy Trinity, which is the perfect community of love, because in Him there is the perfect self-communication as well as perfect communion of the three distinct Persons among Themselves – which is proper to love. This perfect community of love extends itself, in a certain way, to us by means of the joint mission of the Son and the Holy Spirit. This joint mission is wholly an event of divine love – perfect self-communication of God to us creatures – and its real symbol is the open Heart of Jesus Christ, crucified and risen from the dead, fount of the Spirit of Love for the Church. The Church is the result and the instrument (“sacrament”) of this joint mission of Christ and the Holy Spirit. This means that, in the Church and by her, the Father communicates Himself through Jesus Christ, in the Holy Spirit; the Father makes men share the divine Trinitarian love. To state it precisely, the Father makes us share the communion of the incarnate Son with the Father in the Holy Spirit, and in this way He also establishes a communion among ourselves in God-Who-is-Love. The Church is, therefore, “by birth”, “by nature”, the community of love; love is her “heart”, her “soul”. This means that her life is communion with God Who is Love, participation in the divine Community of Love; with all her being and in all her members, she is, consequently, sent to announce, celebrate (realize and spread) and witness the mystery of God-Who-is-Love, Community-of-Love.

* * *

Introdução

O Papa Bento XVI, na sua encíclica sobre o amor (“*Deus caritas est*”), chama a Igreja “comunidade de amor”. A segunda parte da encíclica tem como título: “*Caritas* – a prática do amor pela Igreja enquanto ‘Comunidade de Amor’”.

A Igreja é “comunidade de amor”. Esta é uma afirmação que vai ao *essencial* da Igreja, com bastantes conseqüências para sua vida e atividade. Sem dúvida, a Igreja não é somente comunidade de *amor*; ela é também comunidade ou “comunhão” de *verdade* e de *vida*. Com efeito, o Concílio Vaticano II afirma que Cristo estabeleceu o povo messiânico “na comunhão da vida, do amor e da verdade” (“in communionem vitae, caritatis et veritatis constitutus”).¹ Todos os três são essenciais: verdade, amor, vida. No entanto, nesta reflexão vamos concentrar-nos no amor, sem perder de vista os outros dois aspectos, que complementam a visão da Igreja como comunidade de amor.

Ora, para nos podermos dar conta da profundidade do mistério da Igreja como “comunidade de amor” é preciso reconhecer que ela é esta comunidade porque seu *modelo supremo* e sua *origem primeira* é a *Santíssima Trindade*²; é preciso, portanto, olharmos primeiro para aquela “comunidade de amor” que é o modelo supremo de toda comunhão e comunidade (de amor): Deus-Amor, Deus-Trindade. (I.)³

Em seguida, poderemos ver como, de alguma maneira misteriosa, esta comunidade divina de amor se estende a nós, criaturas, ou como nós somos elevados a uma participação desta comunidade divina. Isto se realiza através da missão conjunta do Filho e do Espírito Santo. (II.)

Colocado este fundamento, poderemos contemplar a maravilhosa realidade que a Igreja, por desígnio eterno de Deus Pai, é chamada a ser: “comunidade de amor”, comunhão com Deus-Amor, participação na divina Comunidade de Amor; por todo o seu ser e em todos os seus membros, enviada a anunciar, celebrar (atualizar) e testemunhar o mistério trinitário de amor, de Deus Comunidade-de-Amor. (III.)

I. A Santíssima Trindade, Modelo supremo de toda Comunidade de Amor

Revelando-nos o Seu mistério íntimo, Deus nos fez conhecer aquela maravilhosa realização do amor que é Ele mesmo: a Santíssima Trindade, Comunidade de Amor. Santo Agostinho escrevia: “Se vês a caridade, vês a Trindade”⁴. De fato, Deus é Trindade, porque é *Agape*, *Caritas*, Amor.

¹ *Lumen gentium*, 9.

² Cf. CONCÍLIO VATICANO II, *Unitatis redintegratio*, 2,6: “modelo supremo e princípio”.

Ele é amor exatamente por n'Ele haver **autocomunicação, autodoação perfeita**, sem limites ou reservas, realmente integral. Assim há eternamente três pessoas realmente *distintas* uma da outra, pois Aquele que Se comunica a Si mesmo integralmente distingue-se d'Aquele que é, por assim dizer, o “fruto” desta autocomunicação. Assim há em Deus quem é “Pai” e quem é “Filho”, pela autocomunicação do Pai que chamamos de “geração”; há, portanto, quem gera e quem é o gerado. Há também quem é “Espírito Santo”, distinto das duas primeiras Pessoas pelo fato de Ele ter Sua origem eterna n'Elas, pela autocomunicação que chamamos de “expiração” e que reconhecemos, em seu aspecto determinante, como ato de *amor* (o Espírito Santo como “Amor procedente”). A autocomunicação da “geração”, por sua vez, reconhecemos, em seu aspecto determinante, como ato de *intelecção*, de *conhecimento intelectual* (a processão da “palavra interior”, da “imagem”, “idéia”). No entanto, enquanto autocomunicação integral, também a “geração”, não apenas a “expiração”, traz a característica do amor: autocomunicar-se, doar-se é próprio do amor.

Por essa dupla autocomunicação há, portanto, **distinção** entre a(s) Pessoa(s) que é (são) origem e a Pessoa que dela(s) procede, bem como há, ao mesmo tempo, **comunhão** entre estas Pessoas, já que a autocomunicação implica também a comunhão (comunhão por meio de comunicação). Ora, se há três pessoas realmente *distintas* uma da outra e, ao mesmo tempo, há *comunhão* entre elas, existe uma **comunidade**.⁵ E também isto é característica do amor ou do que o amor realiza, a saber: a combinação entre distinção e união-comunhão. E isto se realiza eterna e perfeitamente em Deus: as três Pessoas são *distintas* da maneira mais clara possível (pela oposição das relações de origem); elas são absolutamente *inconfundíveis* e, neste sentido, perfeitas “personalidades”. Por

³ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Novo millenio ineunte*, 43. Reconhecendo a necessidade de “promover uma espiritualidade da comunhão”, explicou-a à luz de Deus-Trindade: “Espiritualidade da comunhão significa em primeiro lugar ter o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade, que habita em nós e cuja luz há de ser percebida também no rosto dos irmãos que estão ao nosso redor”.

⁴ *De Trinitate*, VIII, 8, 12: CCL 50, 287 (cf. BENTO XVI, Encíclica *Deus caritas est*, 19).

⁵ Distinguindo entre “comunhão” e “comunidade”, podemos dizer: “Comunhão” significa uma determinada qualidade ou situação em que várias pessoas têm algo em comum. “Comunidade” significa diretamente o conjunto dessas pessoas enquanto estão em comunhão entre si.

outro lado, a *comunhão* entre elas é total; elas têm tudo, absolutamente tudo, em comum. O Pai é⁶ a única e idêntica divindade, o oceano infinito de vida (o ser, a substância do ser vivo), conhecimento, amor; o Filho é *esta mesma* e única divindade, e assim também o Espírito Santo. Há, portanto, entre as três Pessoas divinas uma comunhão total de vida, de conhecimento (ou verdade) e de amor. Isto significa, por conseguinte, que a Santíssima Trindade é a *perfeita comunidade de amor*, como também perfeita comunidade de *verdade* e de *vida*.

Assim, não pode haver dúvida de que Deus-Trindade é o *modelo supremo* de toda verdadeira comunidade de amor. E esta comunidade de amor é ao mesmo tempo comunidade de verdade (conhecimento) e de vida, uma vez que, em Deus, não existe uma distinção real entre o Seu ser (“vida”, no sentido fundamental e primário deste conceito) e o Seu amor, como também entre o Seu ato de amar e Seu ato de conhecer: ser, conhecer e amar, em Deus, se identificam realmente.

Deus-Trindade é, portanto, uma **verdadeira “comunidade de amor” em perfeição infinita**. As três Pessoas divinas identificam-se, até mesmo, com o ato de amor; não *estabelecem* relações de amor entre Si mesmas, mas *são, Elas mesmas, amor*. Elas mesmas são, cada uma, relação que é amor. Pois a Pessoa divina é a própria relação de origem enquanto subsistente, isto é, identificando-Se com o ser, a substância divina e, assim, com a inteligência e o amor divinos. A Santíssima Trindade é comunidade “de amor” em um sentido singular: é a comunidade do amor que é a Pessoa do “Pai” (Amor paterno), do amor que é a Pessoa do “Filho” (Amor filial), e do amor que é a Pessoa do “Espírito Santo” (Amor personificado, unidade-comunhão de amor).

II. A Missão conjunta do Filho e do Espírito Santo, Origem da Igreja como “Comunidade de Amor”

A Igreja é “comunidade de amor”, porque tem sua origem em Deus, que é comunidade de amor em perfeição infinita. Sendo assim, Deus não é somente modelo supremo mas também primeira *origem* de toda e qualquer comunidade de amor. Vimos que o mistério divino de amor consiste na dupla autocomunicação integral – a geração do Filho e a “expiração”

⁶ O que Deus “tem”, Ele é, pois n’Ele não há composição alguma; Ele é absolutamente simples.

do Espírito Santo – e na correspondente comunhão total entre as Pessoas divinas, que são distintas por essa mesma autocomunicação. Este grande mistério de amor estende-se a nós, de alguma maneira, pelo envio do Filho por parte do Pai e pelo envio do Espírito Santo por parte do Pai e do Filho. Estas são as assim chamadas *missões divinas*, as duas missões que, com clareza, se distinguem entre si (como as próprias Pessoas divinas se distinguem), mas são inseparáveis. É por esta missão *conjunta* do Filho e do Espírito Santo que Deus, Comunidade de Amor, é a origem da Igreja, também comunidade de amor.

Ora, para podermos ter alguma compreensão dessa origem, importa ter uma concepção adequada do que seja a “missão” de uma Pessoa divina, concepção esta que pressupõe a teologia trinitária das processões intradivinas. Pois, na verdade, através das duas missões divinas o próprio Deus-Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo – **Se comunica (manifesta e doa) a Si mesmo a nós**, em um ato de **amor** que é uma certa *extensão ou prolongamento do amor intratrinitário*, ou seja, *da processão intratrinitária* da Pessoa enviada, sendo que a Pessoa que envia Se doa a nós *na* Pessoa enviada.⁷

Isso fica claro quando refletimos sobre o significado do conceito “missão” ou “envio”, aplicado a uma Pessoa divina (conceito analógico). Uma pessoa “enviada” tem, como tal, duas relações, em direção oposta:

- 1) a relação à pessoa que a envia, da qual, portanto, de alguma maneira, a pessoa enviada provém (“relação de origem”);
- 2) a relação de presença (nova) à pessoa ou às pessoas às quais ela é enviada (“relação de acesso” ou “de presença”).

A *relação de origem* baseia-se num *ato* pelo qual a pessoa é enviada por uma outra; ela “vem” desta outra pessoa. Não haveria “missão” se não houvesse este ato de “enviar”. Ora, em Deus, este ato identifica-se necessariamente – quanto ao envio do Filho por parte do Pai – com a “geração” e – quanto ao envio do Espírito Santo por parte do Pai e do Filho – com a “expiração”, portanto, com a **processão eterna** da Pessoa do Filho e do Espírito Santo.

⁷ Seguimos a explicação profunda e sugestiva que São Tomás de Aquino deu das “missões divinas” em sua conexão com a vida intratrinitária (processões eternas); cf. *Summa Theologiae* I, q. 43. Cf. a este respeito e, em geral, quanto à relação de Deus Uno e Trino ao mundo, Hans Christian SCHMIDBAUR, *Gottes Handeln in Welt und Geschichte. Eine trinitarische Theologie der Vorsehung*, St. Ottilien 2003, 447-547 (“Das Gott-Welt-Verhältnis des dreieinen Gottes”).

A *relação de acesso*, ou seja, de *presença* àquelas pessoas às quais a pessoa é enviada, também se baseia no ato de “enviar”, orientado para essas pessoas. Quando a pessoa enviada é uma Pessoa divina, trata-se de uma **presença totalmente nova** desta mesma Pessoa divina a ou em pessoas criadas, uma vez que não pode ser um começo absoluto de presença (já há a onipresença divina no universo criado), mas, por outro lado, deve haver alguma *novidade real* quanto à presença; por isso, “presença totalmente nova”.⁸

A consideração dessas duas verdades faz-nos reconhecer que a missão (o envio) do Filho é a Sua **processão eterna** do Pai, por “geração”, mas **acrescentando um “termo temporal”** desta processão, a saber, a presença nova da Pessoa do Filho no universo criado (na terra). A processão mesma não é duplicada pela missão, mas, sim, o termo da processão: há o termo *eterno* (a Pessoa do Filho na divindade, o Filho “gerado”) e o termo *temporal* (a Pessoa do Filho como homem entre os homens e nos homens, o Filho “enviado”). Deste modo, se pode dizer que, na eternidade da vida divina, o Filho procede “para ser Deus”, enquanto a missão significa que Ele procede “para ser também homem” (Encarnação, no tempo), como também “para estar no homem”⁹ (“inabitação” da Pessoa divina, estabelecer “morada” no homem, cf. *Jo* 14,23, mas também a presença do Filho *encarnado* no homem, realizada plenamente pela Eucaristia). Para a missão do Espírito Santo vale o mesmo: ela é a processão da terceira Pessoa divina, acrescentando, porém, o termo temporal, isto é, a presença nova no homem (não sendo Ele enviado para *ser* homem). É importante reconhecer que, sendo enviada, a *própria Pessoa divina* Se doa a *Si mesma* à pessoa à qual é enviada¹⁰, bem como a Pessoa que envia Se doa a *Si mesma* na Pessoa por Ela enviada. Não se trata apenas de um dom da graça (“graça criada”) que não seja a própria Pessoa divina.

⁸ É um *tipo diferente* de presença. No entanto, segundo São Tomás, pode-se falar também de “missão” da Pessoa divina quando, dentro do mesmo tipo de presença (através da graça santificante), acontece um considerável aumento (aperfeiçoamento) da presença; portanto, não se trata apenas da “inhabitatio gratiae”, mas também da “innovatio quaedam per gratiam” ou do “augmentum gratiae” (cf. *Summa Theologiae* I, q. 43, a. 6).

⁹ S. TOMÁS, *Summa Theologiae* I, q. 43, a. 2: “Filius ab aeterno processit ut sit Deus; temporaliter autem ut etiam sit homo, secundum missionem visibilem; vel etiam ut sit in homine, secundum invisibilem missionem”.

¹⁰ Cf. *Id.*, *ibid.*, a. 3: “Assim, o próprio Espírito Santo é dado e enviado” (“*Unde*

Eis, portanto, em que sentido a missão do Filho e do Espírito Santo é uma certa *extensão* ou prolongamento da *processão intratrinitária* d’Eles, e como por essas missões divinas o próprio Deus-Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo – Se comunica (manifesta e doa) a Si mesmo a nós.

Convém esclarecer que esse dom da própria Pessoa divina (Sua presença nova) não se realiza através de uma *mudança* na Pessoa divina, eterna, mas por uma mudança na realidade ou pessoa *criada*. Esta mudança difere ao se tratar da missão do Filho “para ser homem” e, por outro lado, da missão do Filho e do Espírito Santo “para estar no homem”. A mudança pela qual o Filho Se faz homem está no *começar a existir* a natureza humana individual de Jesus, subsistindo na Pessoa eterna do Filho de Deus, isto é, sendo a natureza humana individual da Pessoa do Filho. A outra mudança consiste no que chamamos de “*graça criada*”, “graça santificante”, isto é, uma transformação sobrenatural, divinizante do homem (imediatamente, da alma) que é uma “participação da natureza divina” (cf. *2Pd* 1,4). No entanto, – cumpre dizê-lo explicitamente – não se deve confundir a missão da Pessoa divina com essa transformação da alma humana, identificando-a simplesmente com esta transformação. A Pessoa divina doa-Se transformando-nos, é verdade, mas é realmente *a própria Pessoa divina* que nos é doada ou Se doa a Si mesma a nós, enquanto a transformação divinizante nos torna capazes de “possuir”, “fruir” em nós a própria Pessoa divina, conhecendo e amando.¹¹

Pensemos agora na missão do Filho. O Filho eterno – como enviado pelo Pai, enquanto procedendo do Pai por geração – Se faz presente aos homens tornando-Se homem, assumindo uma natureza humana individual. Ele faz o dom da Sua própria personalidade a uma natureza humana individual, que não existe senão como sendo a natureza humana individual da Pessoa divina do Filho. Mas isto é – apesar de toda a grandeza do mistério de amor, de dom de Si mesmo, que é o tornar-se-homem – apenas o *fundamento* para toda uma variada **autocomunicação** e **comunhão** que o *Filho feito homem* veio realizar e viver.

ipsemet Spiritus Sanctus datur et mittitur”); *ibid.*, a. 3, ad 1: “o dom da graça santificante aperfeiçoa a criatura racional para que com liberdade não somente use o dom criado, mas ainda *frua da própria Pessoa divina*. Portanto, a missão invisível acontece pelo dom da graça santificante e, entretanto, *a própria Pessoa divina é dada*.”

¹¹ Cf. *id.*, *ibid.*, a. 3. As Pessoas divinas Se dão conjuntamente e, ao mesmo tempo, distintamente (como Pessoas realmente distintas entre Si).

Esta autocomunicação e comunhão, por sua vez, pressupõe a **missão do Espírito Santo** e se realiza por ela. Para compreender isso, devemos lembrar que a missão do Espírito Santo, no fundo, não é outra coisa senão um certo “prolongamento” para dentro das pessoas criadas, do *Amor* que procede do ato de amor recíproco e comum do Pai e do Filho, e que é a própria Pessoa do Espírito Santo, a *Pessoa-Amor*. O Espírito Santo procede do Pai e do Filho pela segunda autocomunicação em Deus, que vai do Pai e do Filho ou do Pai pelo Filho ao Espírito Santo, no sentido de que Este é quem procede por essa autocomunicação. O Espírito Santo é, assim, em Pessoa, o Amor (procedente) do Pai e do Filho. Isto quer dizer que Ele é a **unidade de amor**, a **comunhão de amor personificada** (sendo Pessoa) entre o Pai e o Filho. E o que significa, então, o envio do Espírito Santo senão o **dom** dessa “**comunhão personificada de amor**” àquelas pessoas às quais Ele é enviado, fazendo-as, por conseguinte, ter comunhão com Deus e, em Deus, entre si mesmas?

Ora, a pessoa em quem, sobretudo, o Espírito Santo Se faz presente, com uma presença de perfeição única, inigualável e insuperável, é a Pessoa de Jesus Cristo enquanto homem. Por isso, Ele é o “Messias”, o “Cristo”, o “Ungido” por excelência com o Espírito Santo (cf. *Jo* 3,34; *At* 10,38). Ele é mesmo o *ápice absoluto* da presença do Espírito Santo no mundo criado e, assim, também a *fonte* do Espírito Santo para todos. Toda a autocomunicação de Deus-Amor ao mundo criado tem, portanto, em Jesus Cristo o **centro e o ponto culminante**: missão conjunta do Filho e do Espírito Santo, dom insuperável tanto da Pessoa do Filho como da do Espírito Santo, sendo Jesus a própria Pessoa do Filho eterno encarnada (missão do Filho “para ser homem”), que vive – não somente na vida trinitária, como Deus, Pessoa de natureza divina, mas também – como *homem*, Pessoa de natureza humana, a comunhão com o Pai no Espírito Santo (missão do Espírito Santo “para estar no homem”, no “homem Cristo Jesus”). Deste modo, transfere-se, por assim dizer, o mistério da perfeita comunhão intradivina do Filho com o Pai no Espírito Santo, que é, em Pessoa, Sua comunhão-de-amor, para dentro do mundo criado: o Filho eterno, feito homem, vive como homem, pela presença do Espírito Santo – Pessoa-Amor, Pessoa-Comunhão-de-Amor – em Sua natureza humana assumida, a Sua comunhão com o Pai.

De fato, a missão da Pessoa do Filho não é apenas o envio “para ser homem”, mas para **viver, como homem, a Sua comunhão com o Pai**, que é comunhão *no Espírito Santo*, e **comunicar aos homens** esta Sua comunhão com o Pai no Espírito Santo, levada à consumação na Sua

Páscoa (paixão-morte e ressurreição-ascensão), como também, na Santíssima Eucaristia, *doar-Se a Si mesmo*, com todo o Seu ser, aos homens já anteriormente agraciados, pelo envio do Espírito Santo, com essa comunhão no Espírito Santo. Deste modo, Jesus Cristo é a **suprema “encarnação” do amor divino-trinitário**.¹²

Ora, o perfeito *símbolo real* desta encarnação do amor divino é o **Coração transpassado** de Jesus crucificado e ressuscitado. “Símbolo real” no sentido forte da palavra, não símbolo vazio nem apenas símbolo-ilustração, mas símbolo-*realidade*, símbolo que é realmente o que manifesta: realização, na realidade humana, do amor divino trinitário. E isto, como vimos, não se realiza sem a presença atuante do Espírito Santo.

Por isso, se quisermos olhar – com um olhar contemplativo, que é capaz de abranger uma realidade multiforme de uma só vez – a missão conjunta do Filho e do Espírito Santo, devemos olhar para o *Coração aberto de Jesus crucificado*, este coração que também depois da ressurreição não se fechou, permanece sempre aberto (cf. *Jo* 20,27; *Lc* 24,39; *Ap* 5,6), como *fonte do Espírito Santo* para a Igreja, e continua a bater no sacramento da *Eucaristia*. O Coração aberto de Jesus crucificado e ressuscitado é, portanto, **símbolo real da missão de Cristo e do Espírito Santo**: da missão de Cristo, porque é um coração *humano*, aquilo que é tipicamente humano, manifestando uma pessoa de *natureza humana* (Pessoa divina *encarnada*); e da missão do Espírito Santo, porque é *coração*, isto é, símbolo do *amor*.

Portanto, recapitulando e ampliando a perspectiva, podemos dizer: O Pai – que, na vida intradivina, é a origem do Filho e do Espírito Santo –, movido pelo amor (cf. *Jo* 3,16), envia Seu Filho Unigênito ao mundo para redimir o homem e realizar Seu plano de amor: fazer da humanidade uma

¹² O amor do Filho encarnado é a encarnação do amor divino-trinitário enquanto amor *ao Pai*, bem como amor *aos homens*. O amor *ao Pai* é resposta ao amor do Pai para com o Filho, sendo a “tradução” humana (manifestação) da eterna “resposta” de amor do Filho ao Pai. O amor de Jesus *aos homens* é **consequência** do Seu amor ao Pai (cf. *Jo* 14,31 e, em geral, o mandamento do amor: amar a Deus acima de tudo e amar o próximo por causa, isto é, por amor, de Deus), sendo por isso, de alguma maneira, “tradução” humana do Seu ato eterno de amor ao Pai, **enquanto deste ato de amor procede** – em união com o ato de amor do Pai ao Filho, como um ato de amor comum, portanto, embora o ato de amor do Filho seja “resposta” ao amor do Pai (este amor, Ele o tem do Pai) – **o Espírito Santo como Pessoa-Amor**, Pessoa-Dom, e assim – na economia da salvação, isto é, como a Pessoa *enviada* pelo Pai e pelo Filho – **como o Dom do amor do Pai e do Filho aos homens**.

única família, em Seu Filho¹³, e além disso, para unir neste Seu Filho encarnado todas as coisas, “as que estão nos Céus e as que estão na terra” (cf. *Ef* 1,10). Mas Ele não podia enviar Seu Filho sem enviar também o Espírito Santo, que procede do Pai e do Filho e que é, em Pessoa, a Sua comunhão de amor recíproco com o Filho. Pois o Filho não podia, *como homem*, viver a comunhão com o Pai a não ser pela presença do Espírito Santo em Sua alma humana, através do dom da graça divinizante (a graça santificante, particularmente o amor). Por isso, *Jesus*, o Filho encarnado, é o *Cristo*, o Ungido pelo Espírito do Pai, desde o primeiro instante da Sua concepção no seio virginal de Maria. Por isso, portanto, Jesus vive Sua comunhão com o Pai sempre “no Espírito Santo”, e particularmente naquele ponto culminante que é o sacrifício da cruz, pelo qual entra na comunhão consumada com o Pai (cf. *Hb* 9,14). Jesus faz tudo “em cooperação com o Espírito Santo”¹⁴, faz tudo sendo impelido em Seu coração pelo Espírito do Amor divino; daí, portanto, o Coração de Jesus como símbolo real da missão conjunta de Cristo e do Espírito Santo. Deste modo, fica evidente que o Catecismo da Igreja Católica tem razão ao afirmar: “Toda a obra de Cristo é missão conjunta do Filho e do Espírito Santo.”¹⁵

Concluindo:

Vimos que a divina, trinitária comunidade-comunhão de amor se estende de alguma maneira pela missão do Filho e do Espírito Santo por parte do Pai, missões estas que são um certo “prolongamento” ao mundo criado, das processões eternas do Filho e do Espírito Santo, as quais são – com a comunhão total entre as Pessoas divinas – mistério de *amor em sua última e insuperável perfeição*. Por isso, o resultado dessa missão conjunta do Filho e do Espírito Santo não pode senão ser também um mistério de amor: *comunidade-comunhão de amor* (além de verdade e de vida), que é a *Igreja*.

De fato, a Igreja não é outra coisa senão o *resultado concreto*, não apenas invisível, mas também *visível*, bem como o *instrumento* da missão conjunta do Filho e do Espírito Santo. O Catecismo da Igreja Católica

¹³ Cf. BENTO XVI, *Deus caritas est*, 19.

¹⁴ Cf., no rito romano, a primeira das orações de preparação pessoal do sacerdote para a recepção da Comunhão: “Senhor Jesus Cristo, Filho do Deus vivo, que, cumprindo a vontade do Pai e agindo com o Espírito Santo (“*cooperante Spiritu Sancto*”), pela vossa morte destes vida ao mundo...”.

¹⁵ *Catecismo da Igreja Católica* (= *Cat.*), 727.

o confirma, afirmando: “A missão de Cristo e do Espírito Santo realiza-se na Igreja, Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo” (*Cat.* 737). E o mesmo Catecismo esclarece ainda qual é a relação entre a missão da Igreja e a missão de Cristo e do Espírito Santo:

Assim, a missão da Igreja não é acrescentada à de Cristo e do Espírito Santo, senão que é o Sacramento dela: por todo o seu ser e em todos os seus membros, a Igreja é enviada a anunciar e testemunhar, atualizar e difundir o mistério da comunhão da Santíssima Trindade. (*Cat.* 738)

O “mistério da comunhão da Santíssima Trindade” é o mistério de Deus-Amor, Deus comunidade-de-amor. Este mistério nos é revelado e comunicado exatamente pela missão do Filho e do Espírito Santo.

Frisemo-lo mais uma vez: trata-se de missão conjunta, inseparável, mas também claramente distinta. O Filho Se faz homem, desce, por assim dizer, até o centro de todo o universo criado (espiritual e material): o ser humano. O Filho, assim, faz parte do universo criado, mas o faz para ser o **centro de união** de tudo isso, ou seja, diretamente, das pessoas criadas (homens e anjos; cf. *Ef* 1,9s). Jesus Cristo, o Filho encarnado, é o **centro ao redor do qual e no qual** se efetua o mistério do amor e se constrói a comunidade de amor, pois é o **centro e ápice da autocomunicação de Deus-Trindade, Comunidade-de-amor, ao criado**. Assim, Ele é propriamente o ponto culminante do mistério de amor no universo criado, uma vez que a **Encarnação** é o **ápice absoluto da autocomunicação de Deus ao criado** e da consequente união entre Deus e a criatura (mistério da união hipostática entre a divindade e a humanidade na única Pessoa do Filho eterno), e igualmente, Jesus, como o “Cristo”, é o **ápice absoluto da presença do Espírito Santo** no mundo criado (de pessoas). Com efeito, como o Filho eterno vive *no Espírito Santo* a comunhão de amor com o Pai, enquanto o Espírito Santo é, em Pessoa, a unidade-comunhão de amor entre o Filho e o Pai, assim também o Filho vive *no Espírito Santo* (através dos dons de divinização da Sua alma) a Sua comunhão de *homem* com o Pai, enquanto o Espírito Santo Se faz presente no homem Jesus através dos dons de divinização da Sua alma (graça santificante, virtudes, sobretudo o amor, e dons do Espírito Santo), pelos quais Ele pode viver a comunhão interpessoal com o Pai, conhecendo e amando.

Mas esta Sua comunhão com o Pai no Espírito Santo destina-se a *ser comunicada* aos homens, comunicação esta que se realiza pelo envio do Espírito Santo por Jesus da parte do Pai (cf. *Jo* 14,26; 15,26). E Jesus merece-nos¹⁶ este envio ao realizar o auge do Seu amor ao Pai e a todos os homens e, portanto, o auge da presença atuante do Espírito Santo na

vida de Jesus: o *sacrifício da Cruz*, que é inteiramente mistério de amor, e pelo qual Jesus entra, como homem, na comunhão consumada com o Pai no Espírito Santo. De junto do Pai envia, então, o Espírito Santo, ao qual compete **reintroduzir a humanidade na Comunhão eterna do amor dos Três que são o único Deus**, ou seja, realizar e fazer desenvolver-se a Igreja, Comunidade de amor, como Corpo e Esposa de Cristo e Templo do Espírito Santo.

III. A Igreja, “Comunidade de Amor”

1. A Igreja, Comunidade de Amor “por nascimento”

A Igreja é comunidade de amor “por nascimento” ou “de nascença”, pois ela “nasceu” do Coração aberto de Jesus Cristo na cruz, ou seja, ela nasceu do ato supremo de amor que Jesus consumou na cruz e de que é símbolo real o Coração aberto, do qual joram sangue e água, depois que Jesus “entregou o Espírito” (cf. *Jo* 19,30). Esta entrega do Espírito na cruz, por sua vez, é prelúdio daquele dom do Espírito Santo que Jesus realiza depois da ressurreição (cf. *Jo* 20,22).

O Concílio Vaticano II assumiu esta concepção dos Santos Padres, ao escrever: “do lado de Cristo dormindo na cruz¹⁷ nasceu o admirável sacramento de toda a Igreja”¹⁸. Na liturgia romana, o Prefácio do Sagrado Coração de Jesus afirma o mesmo, referindo-se aos sacramentos, nos quais a sacramentalidade da Igreja se manifesta e se realiza da maneira mais intensa:

Elevado na Cruz, entregou-se por nós com imenso amor. E de seu lado aberto pela lança fez jorrar, com a água e o sangue, os sacramentos da Igreja para que todos, atraídos ao seu Coração, pudessem beber, com perene alegria, na fonte salvadora.

¹⁶ Cf. o “preço de resgate”; *Mt* 20,28; *Mc* 10,45; *1Pd* 1,18s. Na liturgia, cf. Oração depois da Comunhão, da Missa da *Bem-aventurada Virgem Maria junto à Cruz do Senhor (I)*, em: *Coletânea de Missas de Nossa Senhora*, vol. I, n. 11: “pelo sacrifício da cruz [...] Cristo sumo sacerdote o [= o Espírito Paráclito] mereceu”. Cf. JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Dominum et vivificantem*, 24.

¹⁷ O Concílio faz aqui, evidentemente, uma alusão ao “sono” de Adão quando da origem da mulher do seu lado (“costela”), cf. *Gn* 2,21-23.

¹⁸ *Sacrosanctum Concilium*, 5.

Em uma visão de conjunto desses dados, podemos reconhecer o seguinte: A Igreja nasce do Coração aberto de Jesus crucificado, enquanto ela é o **“fruto”** da entrega de amor de Jesus ao Pai para a nossa salvação e, portanto, por amor a nós. Portanto – importa frisá-lo –, temos aqui tanto o amor de Jesus *ao Pai* como *a nós*. Isto significará que também a Igreja – “fruto” desse ato de amor duplo e unitário – nasce como **comunidade daquele mesmo amor** que é amor a Deus e aos irmãos, sendo o amor a Deus o fundamento do amor aos irmãos. Podemos vê-lo simbolizado na própria estrutura da cruz: o amor a Deus simbolizado pela haste vertical; o amor aos irmãos simbolizado pela haste horizontal (abraçando o mundo inteiro).

Símbolo desse nascimento da Igreja do Coração de Jesus são o *sangue* e a *água* que jorraram deste Coração transpassado; pois água e sangue simbolizam os sacramentos principais, o *Batismo* e a *Eucaristia*. No entanto, para estes sacramentos – como todos os outros – serem eficazes na edificação da Igreja, é necessária a *efusão do Espírito Santo*, ou seja, pelos sacramentos nos é comunicado, da parte de Cristo, esse dom da própria Pessoa do Espírito Santo. Essa efusão do Espírito do Coração de Cristo é acenada quando o evangelista João diz que Jesus “entregou o Espírito”, e é realizada manifestamente depois da ressurreição.

Portanto, se este é o nascimento da Igreja, se esta é sua origem, sua fonte, ela tem de ser, **por “natureza”, comunhão e comunidade de amor**. Pois, o que “nasce” do amor não pode senão ser uma realidade de amor. Assim já se vê também que a missão própria do Espírito Santo, provindo do Coração aberto de Cristo, é de harmonizar “o coração daqueles que crêem com o coração de Cristo” e levá-los “a amar os irmãos como Ele os amou, quando Se inclinou para lavar os pés dos discípulos (cf. Jo 13,1-13) e sobretudo quando deu a sua vida por todos (cf. Jo 13,1; 15,13)”¹⁹.

2. O amor: “coração” e “alma” da Igreja

A origem da Igreja está em Deus-Amor, Deus Comunidade-de-Amor, a qual, de certo modo, se estende até nós pela missão conjunta do Filho e do Espírito Santo. O resultado desta missão conjunta é a Igreja, igualmente comunidade de amor. Como comunidade de amor, a Igreja é a “Família

¹⁹ BENTO XVI, *Deus caritas est*, 19,1.

de Deus”, o Corpo (e Esposa) de Cristo e o Templo do Espírito Santo. Quanto à Igreja como “Corpo de Cristo”, é bem conhecido o que escreveu Santa Teresinha a respeito do “coração” da Igreja. No entanto, vale a pena citá-lo:

Compreendi que se a Igreja tem um corpo, composto de diversos membros, o mais necessário, o mais nobre de todos não lhe falta. Compreendi que a Igreja tem um coração e que esse coração arde de amor. Compreendi que só o Amor leva os membros da Igreja a agir, que se o Amor viesse a extinguir-se os apóstolos não anunciariam mais o Evangelho, os mártires negar-se-iam a derramar o sangue... Compreendi que o *Amor* abrangia todas as vocações, que o Amor era tudo, que abrangia todos os tempos e todos os lugares... numa palavra, que ele é Eterno!²⁰

É preciso ser criança, como Sta. Teresinha, para penetrar nos mistérios do Reino de Deus (cf. *Mt* 18,2s). A intuição da Santa de Lisieux é simples e profunda²¹: a Igreja tem um coração e este coração está inflamado de amor. Podemos também dizer: **o “coração” da Igreja é o amor.**²² Toda a atividade da Igreja, Corpo de Cristo na terra, depende deste coração; o amor é que dá vida a este Corpo, impele os seus membros a agir, a realizar os atos vitais do Corpo. Sem o amor divino nela, a Igreja deixaria de ser ela mesma; ela deixaria de existir; seria como um corpo morto; afinal, não seria mais comunidade de amor. **Toda a atividade da Igreja tem seu valor diante de Deus se estiver *animada pelo amor***, aquele amor divino derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado (cf. *Rm* 5,5).

A doutrina da 1ª Carta aos Coríntios, na qual Sta. Teresinha se inspirou, é clara: a Igreja é um corpo composto de muitos membros; cada membro tem o seu dom próprio e não deve invejar os dons dos outros, embora, sim, deva aspirar a carismas mais altos. Mas existe na Igreja algo melhor que todos os dons carismáticos (como a profecia, a cura, etc.), que todos os ofícios ou ministérios que se exercem na Igreja (como o de apóstolo, pastor, mestre...), que todas as obras que nela se levam a cabo:

²⁰ TERESA DO MENINO JESUS E DA SAGRADA FACE, *Manuscritos autobiográficos. Manuscrito B*, em: ID., *Obras completas (Textos e últimas palavras)*, São Paulo 1997, 215.

²¹ O Papa João Paulo II conferiu-lhe o título de “Doutora da Igreja” precisamente porque a reconheceu como “perita da *scientia amoris*” (“ciência do amor”) (cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Novo millennio ineunte*, 42).

²² Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Novo millennio ineunte*, 42,3: “A caridade é verdadeiramente o ‘coração’ da Igreja, como bem intuiu santa Teresa de Lisieux”.

“Quero vos mostrar um caminho infinitamente superior (ou: muito melhor sem comparação).”

E em seguida, São Paulo escreve aquele maravilhoso hino de amor que bem pode dizer-se a síntese dogmática e moral da mensagem evangélica:

Se eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, mas não tivesse a caridade, seria um bronze que soa ou um sino que toca.

E se tivesse o dom da profecia e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e se eu tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, mas não tivesse a caridade, não seria nada.

Ainda que distribuísse todos os meus bens para o sustento dos pobres, e entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade, isto não me serve de nada. ... (1Cor 13,1ss)

Se, portanto, todas as obras no campo do bem – ciência, fé, esmola, sacrifício e o próprio martírio –, tanto singularmente como em conjunto, são nada e nada valem sem o amor, segue-se que só o amor conta, só o amor é verdadeiramente tudo.²³

Pois só no amor há verdadeira comunhão com Deus-Amor, e a santidade nossa consiste, conseqüentemente, no amor, na perfeição do amor. Por isso, “uma alma não chamada, ou então, impossibilitada de praticar aquelas obras, se, contudo, ama a Deus de todo o coração, com toda a alma, com todas as forças, essa, em realidade, dá a Deus tudo.”²⁴

Esta é a posição do amor na Igreja: é o “**coração**” da Igreja, é mesmo a sua “**alma**”. Pois a alma é o princípio de *vida* e *unidade* do corpo. Ora, o Corpo místico de Cristo, a Igreja, é vivo e é uno pelo amor. Pelo amor, a Igreja é uma única família, a família dos filhos de Deus no Filho Unigênito. De fato, a Igreja é *essencialmente* “**comunidade de amor**”, e a perfeição da vida cristã consiste na perfeição do amor.

Isto não significa menosprezar a **fé** (a verdade) e a **esperança** nem desconhecer a *necessidade fundamental e essencial* destas duas virtudes teológicas para a Igreja, já que sem elas não pode existir o amor.²⁵ No entanto, o amor é o maior, o mais sublime e, além disso, é o que torna *viva* a fé e faz *mantê-la* nas provações do silêncio de Deus e das incompreensibilidades da Sua providência; igualmente, o amor garante que a

²³ L. SALES, *O Coração de Jesus ao Mundo*, Ed. Loyola, São Paulo 91999, 75.

²⁴ *Id.*, *ibid.*

²⁵ Afinal, o amor sem a fé seria um amor *cego* – e como pode amar o que não co-

esperança *alcance* o que espera, conforme a palavra do Apóstolo Paulo: “A esperança não engana, porque Deus derramou o Seu amor em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (*Rm 5,5*).²⁶

Esta palavra do Apóstolo nos faz agora ir adiante e reconhecer que *a Igreja é comunidade de amor porque nela realiza-se a missão de Cristo e do Espírito Santo*. Pois o Espírito Santo provém para nós daquela fonte que é o Coração aberto de Cristo crucificado e ressuscitado; Ele é o Espírito *de Cristo*. Ao ser dado por Jesus, o Espírito Santo nos faz participar da **comunhão de Jesus com o Pai**, que é comunhão **no Espírito Santo**. Ora, “comunhão no Espírito Santo” significa comunhão tanto **na verdade** como também, e particularmente, **no amor**, pois o Espírito Santo é o “Espírito da Verdade” (cf. *Jo 16,13*), mas como sendo a Pessoa-Amor, a Pessoa-Comunhão-de-Amor (cf. *Rm 5,5*). Por isso, aquele dom do amor divino em nossos corações – do qual fala São Paulo em *Rm 5,5* – é inseparável do dom do Espírito Santo²⁷. **Se falta o amor, falta a presença vivificante do Espírito Santo**, que, por sua vez, desempenha exatamente a função de “alma”, princípio de vida e unidade, no Corpo de Cristo, que é a Igreja.²⁸

Por isso, aquele adágio que diz: “Onde está o Espírito de Deus, aí está a Igreja”²⁹, pode ser expresso também com a seguinte variação: “Onde

nhece? E como pode amar e, portanto, desejar eficazmente a união com alguém, se não tem a esperança de que pode alcançar esta união?

²⁶ Em Sta. Teresinha verificou-se também a força do amor no sentido de que a fé e a esperança como que se fundiram, afinal, com o amor: “Não me resta senão o amor”. Trata-se de uma confidência à Ir. Teresa de Sto. Agostinho: “Se você soubesse em que trevas estou mergulhada. Não mais acredito na vida eterna. Parece-me que, depois desta vida mortal, não há mais nada. Tudo para mim desapareceu. Não me resta senão o amor” (Procès de l’ordinaire (1910-1911), Teresianum, Roma, 402. O texto apenas me foi acessível em uma tradução alemã: R. STERTENBRINK, *Allein die Liebe. Worte der heiligen Theresia von Lisieux*, Freiburg-Basel-Wien 1991, 295). Esta confidência, à primeira vista, desconcertante, pode encontrar uma explicação no que São João da Cruz diz sobre a “noite passiva do espírito”. Uma carmelita explica esse mistério com as seguintes palavras: “Apenas ainda uma ‘teia’ fina separa-a [a alma] da visão beatífica, na qual fé e esperança cessam e somente o amor permanece. E já aqui o amor pode ousar absorver em si a fé e a esperança, de modo que elas já não apóiam, como de costume, a alma que, neste estado, não necessita delas como em outros tempos. Portanto, a alma já não consegue servir-se delas, e, no entanto, nunca fé e esperança foram, em sua eficácia, tão fortes como agora” (M. LUCIA, *Johannes vom Kreuz. Traktat seiner Lehre*, Jestetten 1990, 28).

²⁷ O “estado de graça”, a presença vivificante do Espírito Santo na alma, não é possível sem a virtude teologal do amor, a qual é absolutamente inseparável da graça santificante,

está o amor (amor como dom divino, participação do amor divino), aí está a Igreja”.

Isto nos faz lembrar que a redenção que Jesus realizou, portanto a libertação através de resgate, é, por essência e por excelência, uma “libertação *do amor*”. Ela o é em dois sentidos:

- 1) Libertação que o amor realiza (“libertação *do amor*” = genitivo *subjetivo*): *o amor liberta*; o ato libertador é ato de amor, o amor de Jesus – ao Pai e a nós – nos liberta da escravidão do pecado;
- 2) Libertação que tem por objeto o amor (“libertação *do amor*” = genitivo *objetivo*): *o amor é libertado* em nós; Jesus nos capacita de novo a amar, e a amar com o amor com que Ele ama o Pai e a nós.³⁰

Por isso, a redenção se efetua concretamente pelo dom do Espírito Santo em nossos corações, que faz com que a Igreja, Templo do Espírito Santo, seja verdadeiramente “comunidade de amor”, família dos filhos de Deus.

3. A Igreja enviada a anunciar, celebrar e testemunhar o amor de Deus revelado em Cristo

Falta-nos ainda ver as diversas maneiras como a Igreja vive esta sua essência de ser comunhão e comunidade de amor. Viver isso é, para a Igreja peregrina, cumprir sua missão.

Ora, a missão da Igreja é ser **o Sacramento da missão conjunta de Cristo e do Espírito Santo**. Isto significa que por todo o seu ser e em todos os seus membros, ela é enviada a *anunciar, celebrar (atualizar) e testemunhar o mistério trinitário de amor*, que é a Santíssima Trindade, Deus Comunidade-de-Amor, estendido a nós, de certo modo, pelo envio do Filho e do Espírito Santo.³¹

- A Igreja **anuncia** esse mistério trinitário de amor pela *pregação*,

enquanto para a fé e a esperança existe certa possibilidade de existirem sem a graça santificante e, portanto, sem a presença vivificante (missão) do Espírito Santo na pessoa humana.

²⁸ Cf. *Cat.* 797s.

²⁹ Cf. S. IRINEU, *Adversus haereses* 3,24,1: “Pois lá onde está a Igreja, ali também está o Espírito de Deus; e lá onde está o Espírito de Deus, ali está a Igreja e toda graça.”

³⁰ Cf. J. GALOT, *Gesù Liberatore*, Firenze 1978, 79-100.

³¹ Cf. *Cat.* 738; CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, *A verdade vos tornará livres. Catecismo para adultos*, Coimbra (sem ano), nn. 565-572.

- **celebra-o** com a *liturgia* e
- **dá testemunho** dele com o *serviço* (*diakonia*) e a partilha dos bens espirituais e materiais.

Anúncio, celebração e testemunho constituem conjuntamente o sinal global do Amor misericordioso de Deus, que está presente e atuante na Igreja e através dela (Igreja como “sacramento”). Quanto ao testemunho, convém dizer que este se dá por *toda a vida* da Igreja, de cada um dos seus membros, praticando concretamente a caridade que nos faz servir ao próximo e compartilhar os bens. E, uma vez que o testemunho do amor de Deus na Igreja e por ela se faz também através do *anúncio* explícito do Evangelho da salvação, bem como esse testemunho do amor de Deus é uma dimensão presente também na *celebração litúrgica*, podemos precisar o terceiro elemento da missão da Igreja, falando de “**testemunhar pela vida**” o amor de Deus. E isto se faz concretamente pelo *serviço*; a caridade nos faz servir-nos uns aos outros e, particularmente, aos mais necessitados.

O Papa Bento XVI não deixa dúvida alguma a respeito da importância *essencial*, para a Igreja, de cada um desses três elementos. Ele escreveu:

A natureza íntima da Igreja exprime-se num tríplice dever: **anúncio da Palavra de Deus** (*kerygma-martyria*), **celebração dos Sacramentos** (*leiturgia*), **serviço da caridade** (*diakonia*). São deveres que se reclamam mutuamente, não podendo um ser separado dos outros. Para a Igreja, a caridade não é uma espécie de atividade de assistência social que se poderia mesmo deixar a outros, mas pertence à sua natureza, é expressão irrenunciável da sua própria essência.³²

Portanto, não apenas o anúncio do Evangelho e a celebração da liturgia, mas também **a prática da caridade na vida concreta**, nas mais variadas formas, *pertence à natureza, à essência da Igreja*. Por conseguinte, se viesse a faltar totalmente esta prática da caridade, a Igreja deixaria de existir, deixaria de ser ela mesma, uma vez que é algo *essencial* para a Igreja (não apenas parte integrante da sua missão). Será que existe uma maneira mais clara e forte para dizer ou confirmar que a Igreja é realmente, por natureza, “comunidade de amor”?! E disto, o Santo Padre tira uma conclusão bem prática:

A Igreja é a família de Deus no mundo. Nesta família, não deve haver ninguém

³² BENTO XVI, *Deus caritas est*, 25. O negrito é nosso.

que sofra por falta do necessário. Ao mesmo tempo, porém, a *caritas-agape* estende-se para além das fronteiras da Igreja.³³

Porém, esta insistência na caridade praticada concretamente na vida da Igreja como serviço aos irmãos necessitados, dentro e fora da comunidade eclesial, não nos deve fazer esquecer que a Igreja é comunidade de amor também pelo *anúncio* explícito do Evangelho e, particularmente, pela *liturgia* e nela.

Também o **anúncio explícito** da Palavra de Deus é **exercício da caridade** ao próximo; é vivência da essência da Igreja como comunidade de amor. Pelo anúncio do Evangelho partilhamos com os outros (comunicamos a eles), em um ato de caridade, os maiores bens que possuímos: a verdade da Revelação divina, o Evangelho da salvação, isto é, o Evangelho do amor de Deus, que se revela e se dá em Cristo para a salvação de todos os homens. Além disso, é preciso considerar o seguinte: a Igreja é, fundamentalmente e essencialmente, comunhão e comunidade de *fé*, ou seja, da *verdade* revelada por Deus. Ora, Deus Se revelou como verdade e amor, como *amor verdadeiro*. A fé cristã é, portanto, fé em Deus que Se revelou como *Amor*, Comunidade de Amor. Na fé, acolhemos o dom do amor divino em nossos corações: “Nós conhecemos e *cremos* no amor que Deus nos tem” (1Jo 4,16). E é exatamente este amor divino que nos leva a anunciar o Evangelho da salvação pelo amor misericordioso de Deus em Jesus Cristo. Aqui vale a palavra do Apóstolo Paulo: “O amor de Cristo nos impele” (2Cor 5,14). Se amamos realmente o próximo não podemos deixar de partilhar o grande dom do amor de Deus que reconhecemos, no qual cremos e que experimentamos: é o *amor* – tendo como base a fé em Deus-Amor – que nos faz anunciadores-testemunhas do Evangelho.

Este anúncio ordena-se totalmente à celebração-atualização litúrgica do que é anunciado.³⁴ Assim passamos para o segundo dos três elementos ou tarefas essenciais da Igreja: a **liturgia**. Esta é mesmo o centro, o “coração” de toda a Igreja, de toda a sua vida, suas atividades, de todos

³³ *Ibid.*

³⁴ Cf. CONCÍLIO VATICANO II, *Sacrosanctum Concilium*, 6: “Cristo [...] enviou os Apóstolos [...] não só para [...] *anunciarem* que o Filho de Deus [...] nos libertou do poder de Satanás e da morte e nos transferiu para o reino do Pai, mas ainda para *levarem a efeito* o que anunciavam: a obra da salvação através do Sacrifício e dos Sacramentos, sobre os quais gira toda a vida litúrgica.” (O grifo é nosso.)

os ministérios eclesiais e tarefas apostólicas; tudo na Igreja *se ordena* à liturgia, à celebração dos Sacramentos, sobretudo da Eucaristia, a qual é o centro do centro da Igreja; e toda a vida eclesial tem também sua *fonte* na liturgia, particularmente na Eucaristia.

Com a liturgia entramos, na verdade, no *centro* do mistério da Igreja como *comunidade de amor*. O que vimos sobre o amor como “coração” e “alma” da Igreja, já indica que, se a liturgia tem aquela posição central na vida eclesial, ela deve ser a *realização central e culminante* da Igreja como mistério de amor, comunidade de amor. De fato, **os Sacramentos se destinam a realizar ou aperfeiçoar a comunhão dos homens com Deus pela “caridade que nunca passará” (1Cor 13,8)**, portanto, a realizar a Igreja como *comunhão e comunidade de amor*.³⁵

Na verdade, tudo aquilo que faz parte da Igreja enquanto ela é peregrinante, ou seja, tudo que não haverá mais no Reino consumado, tem como finalidade essa comunhão dos homens com Deus pelo amor; pois esta comunhão de amor *não passará*. A própria fé e a esperança passarão; os próprios sacramentos passarão³⁶, bem como todos os ministérios, serviços e carismas na Igreja. *Tudo isso tem como finalidade essa comunhão dos homens com Deus pelo amor*.³⁷ Assim, p. ex., o Catecismo

³⁵ Cf. *Cat.* 773, 1108.

³⁶ Cf. CONCÍLIO VATICANO II, *Lumen gentium*, 48.

³⁷ Esta comunhão se realiza através da graça da divinização do homem. Esta graça é uma só, por parte de Deus: é um ato e efeito do amor divino ao homem e nele, é participação na vida trinitária, perfeitamente simples e una. Apenas por causa da distinção real, no homem, entre ser e agir, entre substância e faculdades, distinguimos entre essa graça de transformação divinizante enquanto se refere à substância ou às diferentes faculdades. À transformação divinizante da *substância* chamamos de *graça santificante* (em sentido restrito, como “*habitus entitativus*”), enquanto tal transformação das *faculdades* chamamos de *virtudes* e *dons do Espírito Santo* (como “*habitus operativi*”); entre as virtudes sobressaem as virtudes da fé, da esperança e, sobretudo, do *amor*. Ora, existe uma diferença notável entre essas três virtudes teológicas: somente a virtude sobrenatural do amor é *absolutamente inseparável* da graça santificante, de modo que a comunhão de Deus com o homem se realiza realmente *pelo amor*; é essencialmente comunhão *de amor*.

Aqui podemos ainda acrescentar alguns esclarecimentos que servem também à reflexão sobre a Igreja como comunhão-comunidade tanto de *vida*, como de *verdade* e de *amor*. É óbvio que a “divinização da substância” ou do “ser” não quer dizer que a pessoa humana assim divinizada deixe de ser um homem, mas significa, de fato, que essa transformação divinizante (“participação da natureza divina”) atinge não apenas o *agir*, ou seja, os princípios imediatos desse agir (espiritual), que são as *faculdades* do intelecto e da vontade, mas também o próprio *ser*, a própria *substância*. O homem, isto é, o ser humano,

da Igreja Católica chama a caridade de “verdadeira medida dos carismas” (*Cat.* 800). Igualmente, esclarece que os carismas “acham-se a serviço da caridade, que edifica a Igreja” (*Cat.* 2003). De fato, como afirma o Apóstolo Paulo, a Igreja cresce, se edifica sempre “*no amor*” (cf. *Ef*4,16), não sem o amor.

O ponto culminante de tudo isso é certamente a santíssima **Eucaristia**. Nela, a missão de Cristo, em íntima união com a missão do Espírito Santo, atinge, na Igreja ainda peregrinante, perfeitamente sua meta, e o mistério de amor que é a Igreja chega ao seu cume. Pois na Eucaristia *se realiza* mais perfeitamente e *se manifesta* mais claramente **o movimento recíproco do amor entre Deus e o homem**, presente no Coração humano de Jesus, Filho de Deus encarnado, e que é fundamento e fonte do amor fraterno entre os membros da família de Deus. Com efeito, é ato de amor tanto a “ação pela qual em Cristo, Deus santifica o mundo” (amor de Deus

continua a ser *humano*, mas é, então, um ser humano *transformado-aperfeiçoado pela graça divinizante*.

A própria *substância* do que é um Ser vivo (a substância da qual é próprio, segundo a sua natureza, mover-se a si mesma ou levar a si mesma a agir) é *vida*, no sentido fundamental e próprio da palavra (cf. S. TOMÁS, *Summa Theologiae* I, q. 18, a. 2). Assim, o ser ou a substância, embora distinta do agir ou das faculdades como princípios (imediatos) do agir, é também princípio do agir, princípio fundamental (o ser, a essência como natureza) do agir vital.

Deste modo, pode-se reconhecer, na graça divinizante, três aspectos, segundo os quais a pessoa é assemelhada, respectivamente, a uma determinada Pessoa divina e pode “possuir”, “degustar” esta Pessoa, distinta das outras Pessoas divinas.

Com efeito, a mesma graça divinizante ou santificante realiza uma semelhança com a Pessoa do *Pai*, enquanto é transformação da *substância* (da “*vida*”, em seu sentido próprio), ou seja, realiza essa semelhança sob o aspecto em que ela é, na origem de todas as operações espirituais, o *princípio vital* delas.

A mesma graça realiza uma semelhança do homem com o *Filho*, a “*Palavra*” divina, enquanto é transformação divinizante do *intelecto*, ou seja, enquanto se trata da graça sob o aspecto em que é *iluminadora* (participação do conhecimento divino).

Enfim, esta graça realiza uma semelhança com a Pessoa do *Espírito Santo*, enquanto é transformação divinizante da *vontade* (“*coração*”), ou seja, enquanto é essa graça sob o aspecto em que ela é dom do *amor* (participação do amor divino). (Cf., quanto a tudo isso, Jean-Hervé NICOLAS, *Sintesi dogmatica. Dalla Trinità alla Trinità*, vol. I, Roma - Città del Vaticano 1991, 322-324.)

Esta assimilação às três Pessoas divinas, podemos vê-la agora em conexão com a realidade da Igreja como comunhão-comunidade de *vida*, de *verdade* e de *amor*: ela o é em relação às três Pessoas divinas, ou seja, pela comunhão com Elas, em Sua distinção e comunhão perfeitas. Comunidade de *vida*, em relação ao *Pai*; comunidade de *verdade*, em relação ao *Filho*, a *Palavra*; comunidade de *amor*, em relação ao *Espírito Santo*.

ao homem), como aquela ação que é o “culto que no Espírito Santo os homens prestam a Cristo e, por ele, ao Pai”³⁸ (amor do homem a Deus). Na Eucaristia está o *ponto culminante* das *duas* ações ou direções do amor: o amor divino que santifica o homem, e o amor do homem (Cristo, nós com Ele) que se entrega, em adoração, a Deus.

Além disso, pela **Comunhão eucarística** (o banquete eucarístico) o amor de Cristo à Igreja como Sua Esposa chega ao extremo, ao “não poder mais, não poder ir além” (aqui na terra), e assim, também a união entre Cristo e a Igreja atinge o ponto culminante. A Eucaristia realiza aquilo que o amor ardente deseja: doar-se de tal modo que se torne *um* com o amado, realizar uma união-comunhão real, existencial e, de alguma maneira, *substancial*.³⁹ Pela Comunhão eucarística, a Igreja é comunidade de amor em sua maior profundidade. Por esta comunhão, **a missão do Filho e do Espírito Santo atinge a realização consumada** na Igreja ainda peregrinante. Pois a missão do Filho não consiste apenas em Sua Encarnação (o envio “para ser homem”), mas engloba a *Sua autocomunicação, autodoação aos homens* (o envio “para estar, comunicar-Se com os homens, uni-los consigo e em Si e estar neles”). Esta autocomunicação não se realiza sem a missão do Espírito Santo; ela acontece sempre “no Espírito Santo”. Ora, pela “(auto)comunicação” se realiza “comunhão” e “comunidade”.

Por essa autocomunicação de Cristo no Espírito Santo realiza-se e edifica-se, portanto, a Igreja como **comunhão de verdade, de amor e de vida**⁴⁰. Pela *fé*, a Igreja acolhe a verdade comunicada por Jesus (Ele nos comunica – por Sua Palavra – o Seu conhecimento do Pai e de Seu desígnio eterno de amor), e realiza-se a comunhão da **verdade** ou na verdade. Pelos *sacramentos* (liturgia), Jesus Cristo comunica-nos a Sua comunhão vital de **amor** com o Pai (virtude do amor, em inseparável conexão com a graça santificante, participação da natureza divina; cf. *2Pd* 1,4), constituindo a Igreja como comunidade de amor. Quanto à “comunhão da **vida**”, pode-se entender no sentido da *participação na vida divina* (graça santificante como uma divinização do ser, não apenas do

³⁸ Cf. *Cat.* 1325.

³⁹ Cf. N. THANNER, *O Dinamismo intrínseco da Celebração eucarística e sua Expressão externa*, em: *Sapientia Crucis* 6 (2005) 86; cf. S. TOMÁS DE AQUINO, *Summa contra Gentiles*, IV,61 (n. 3987); *id.*, *In IV Sent.*, d. 8, q. 1, a. 3, q1a. 1; d. 9, q. 1, a. 1, q1a. 1.

⁴⁰ Cf. *Lumen gentium*, 9.

agir, da substância, não apenas das faculdades como princípios imediatos do agir), bem como no sentido da nossa comunhão com Cristo pela *Comunhão eucarística sacramental*, que traz o cunho do aspecto “substancial”⁴¹. Esta comunhão eucarística – inseparável da comunhão do amor e na linha da *finalidade* desta comunhão do amor ou no amor – é o resultado da **máxima autoção de Jesus Cristo à Sua Igreja**: Ele nos comunica, de fato, *a Si mesmo*, com *todo o Seu ser*, em uma **presença substancial, levando assim a comunhão dos homens com Cristo e n’Ele (entre si) ao ponto culminante** (cf. *Jo* 6,56). Esta comunhão, no entanto, não se realiza-se senão no Espírito Santo, isto é, pressupondo a missão d’Ele e também *aperfeiçoando-a sempre mais*⁴². Pela Comunhão eucarística, a Igreja é realmente o “Corpo de Cristo” (cf. *I Cor* 10,17), como também, por ela, se realiza plenamente o mistério de amor que é a união da Igreja – como Esposa ainda aspirando à união consumada – com Cristo Esposo (cf. *Ef* 5,29-32). Por isso, podemos dizer que a Igreja é comunidade de amor por ser Esposa de Cristo, e “toda a vida cristã traz a marca do amor sponsal de Cristo e da Igreja” (*Cat.* 1617).

Voltando aos sacramentos em geral, podemos ver mais um aspecto: os sacramentos não apenas se destinam a realizar a aperfeiçoar a comunhão de amor, mas, como “ações de Cristo e da Igreja”, são também, eles mesmos, **atos de amor**, amor por parte *de Deus*, por e em Cristo, e da parte *do homem*, em e por Cristo.

Aqui convém esclarecer o seguinte: se da parte das pessoas que, concretamente, realizam as ações litúrgicas, estas ações *não forem atos de amor*, serão, no que depende dessas pessoas, ações vazias, *mera cerimônia* sem verdadeira vida. Deus poderá queixar-se delas como no Antigo Testamento: “Este povo Me honra com os lábios – com as palavras, gestos, ações simbólicas –, mas seu coração está longe de Mim. É vazio o seu culto” (cf. *Is* 29,13; *Sl* 78,36s).

É verdade que a situação da liturgia da Igreja, liturgia do Novo Testamento, é diferente da do Antigo Testamento. Pois, enquanto as ações sacramentais são ações de *Cristo* e da *Igreja como instrumento do Espírito de Cristo*, Espírito do amor, é garantido que sejam atos de amor e realizem a comunhão de amor (entre Deus-Trindade e o homem e en-

⁴¹ Cf. N. THANNER, *O Dinamismo intrínseco da Celebração eucarística e sua Expressão externa*, em: *Sapientia Crucis* 6 (2005) 80-86.

⁴² Cf. JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, 17.

tre os homens). No entanto, quanto à *participação de cada membro* da Igreja individualmente na liturgia, *exige-se* não apenas o ato de fé e de esperança, mas, também e sobretudo, o de *amor*. Aqui vemos as exigências concretas do ser membro da Igreja como comunidade de amor.

Na liturgia, sobretudo na Eucaristia, a Igreja celebra, portanto, o amor de Deus revelado e comunicado em e por Cristo e o Espírito Santo. “**Celebrar**” significa *revelar e comunicar*, tornar presente, atuante esse amor, sobre o qual se funda e edifica a “Igreja-comunhão, a Igreja-comunidade de amor, a Igreja-mistério de amor”⁴³.

Jesus pediu ao Pai: “Para que todos sejam um, como Tu, ó Pai, estás em Mim e Eu em Ti, que também eles estejam em Nós” (*Jo* 17,21). Esta unidade se realiza, acima de tudo, no amor, que “é o vínculo da perfeição” (*Ci* 3,14). A Igreja é comunidade de amor, porque – segundo as palavras de Jesus na oração sacerdotal – o amor com que o Pai O amou, e O amou “antes da fundação do mundo” (*Jo* 17,24), está presente na Igreja (*Jo* 17,23.26); amor que retorna ao Pai, bem como se expande a todos que o Pai ama. Deste modo, isto é, nesta comunhão do amor, o “menor dos nossos atos praticado na caridade irradia em benefício de todos”, como também “todo pecado prejudica esta comunhão” (*Cat.* 953).

4. A Igreja, comunidade de amor: dom e tarefa

Aqui vemos que a verdade de a Igreja ser comunhão-comunidade de amor, sinal vivo de Deus-Amor na história, é ao mesmo tempo um **dom** recebido sempre de novo e uma **tarefa** a cumprir constantemente. Este dom é *garantido pelos sacramentos*, pois, segundo o Catecismo da Igreja Católica (n. 1118), os sacramentos “manifestam e comunicam aos homens, sobretudo na Eucaristia, o mistério da comunhão do Deus amor, uno em três pessoas”. Dessa fonte dos Sacramentos podemos e devemos haurir sempre de novo a força do amor a Deus e a todos os homens, para dar testemunho de Deus-Amor através das obras concretas de caridade na vida eclesial, familiar, social, profissional, bem como através do anúncio explícito do Evangelho da caridade, que, por sua vez, sempre se ordena de novo à liturgia, celebração-atualização do amor divino manifestado e comunicado em Jesus Cristo Salvador.

⁴³ Cf. JOÃO PAULO II, Alocução da Audiência geral de 15 de janeiro de 1992: “A Igreja, mistério de comunhão fundada no amor”, em: *L’Osservatore Romano*, edição semanal em língua portuguesa de 19/01/1992, p. 8.

Recapitulando, podemos, então, dizer: Deus-Trindade é a perfeita comunidade de amor, porque n'Ele há perfeita autocomunicação bem como perfeita comunhão de três Pessoas distintas entre Si – o que é próprio do amor. Esta perfeita comunidade de amor estende-se, de alguma maneira, a nós, fazendo-nos participar deste insondável mistério de amor, através da missão conjunta do Filho e do Espírito Santo. Esta missão é totalmente acontecimento de amor divino: autocomunicação perfeita de Deus ao universo criado em e por *Jesus Cristo*⁴⁴, que é o centro e ápice absoluto desta autocomunicação. O símbolo real dessa missão conjunta é o Coração aberto de Jesus Cristo crucificado e ressuscitado, fonte do Espírito do Amor para a Igreja.

Cumpra lembrar que perfeitamente unido ao Coração de Jesus na cruz encontra-se o Coração imaculado-maternal de Maria, cooperando intimamente – pela presença santificante do Espírito do Amor nela – com seu Filho no ato supremo de amor redentor, tornando-se ela “para nós mãe na ordem da graça”⁴⁵. A ela a Igreja aplica o título “Mãe do belo amor”⁴⁶; também ela é, à sua maneira, o “coração” da Igreja. Ela é a manifestação e o modelo acabado da dimensão materna do amor de que a Igreja deve estar animada, pois ela “deu em sua vida o exemplo daquele materno afeto do qual devem estar animados todos os que cooperam na missão apostólica da Igreja para a regeneração dos homens”⁴⁷.

A Igreja é essencialmente comunhão-comunidade de amor, já que nasceu do Coração aberto de Cristo na Cruz – com a cooperação de Sua Mãe –, sendo ela fruto do amor supremo de Cristo ao Pai e a todos os homens. O “coração” ou a “alma” da Igreja é o amor, já que a presença vivificante do Espírito Santo, “alma” da Igreja, não se realiza sem este amor. Por isso, o membro da Igreja que não tiver esse amor divino em seu coração é membro morto, como a fé e a esperança sem o amor são mortas. Se, portanto, de um lado, a Igreja não é apenas comunidade ou comunhão de caridade, mas também “comunhão de verdade e de vida”

⁴⁴ “Jesus” indica a missão do Filho, Sua encarnação (união hipostática), enquanto “Cristo”, a missão do Espírito Santo (Cristo como centro e fonte do Espírito Santo para toda e qualquer pessoa criada).

⁴⁵ CONC. VAT. II, *Lumen gentium*, 61.

⁴⁶ Cf. *Collectio Missarum de Beata Maria Virgine*, Vaticano 1987, n. 36 (*Coletânea de Missas de Nossa Senhora*, vol. I, São Paulo 1987).

⁴⁷ *Lumen gentium*, 65; cf. 63-64; *Presbyterorum Ordinis*, 6,4; JOÃO PAULO II, Exortação apostólica pós-sinodal *Vita consecrata*, 34.

(“comunhão de vida” pode também ser entendida no sentido da concreta convivência fraterna), por outro lado, é o amor que penetra e anima tanto a comunhão de vida como também a da verdade. Sem a verdade, a Igreja não poderia ser comunidade de amor segundo o modelo de Deus-Amor, que é ao mesmo tempo a Verdade – como o Espírito Santo é, ao mesmo tempo, o “Espírito da Verdade” e o Espírito-Amor. Mas, sem o amor, a comunhão de verdade não poderia ser salvífica. Isto fica ainda mais evidente quando nos lembramos de que a verdade entregue à Igreja para que a viva (na liturgia e em toda a sua vida) e a anuncie, é a verdade de que Deus é Amor, Comunidade de Amor, que nos quer fazer participar da Sua comunhão de amor.

Na Igreja e por ela, o Pai Se comunica a Si mesmo por Jesus Cristo, no Espírito Santo, ou seja, o Pai faz os homens partilharem o amor divino trinitário, isto é, exatamente, o Pai nos faz partilhar a comunhão do Filho encarnado com o Pai no Espírito Santo, e assim também estabelece a comunhão entre nós, em Deus-Amor. Tudo na Igreja peregrina está a serviço dessa comunhão, tudo se liga, de uma ou outra maneira, a ela, seja ordenando-se a ela, seja testemunhando-a.⁴⁸

⁴⁸ Nesta reflexão sobre a Igreja como “comunidade de amor” vimos que é necessário reconhecer o mistério da Igreja tanto em sua dimensão *cristológica* como também *pneumatológica*, ou melhor, em sua dimensão *trinitária*: ela é resultado da missão *conjunta* do Filho e do Espírito Santo por parte do Pai; é a missão *conjunta* de Cristo e do Espírito Santo, que se realiza na Igreja. Por isso, a Igreja não pode, de modo algum, ser dividida entre Igreja de Cristo (com os elementos visíveis, institucionais, sociais) e Igreja do Espírito (elementos invisíveis, Igreja do amor). Em Jesus Cristo mesmo, a missão do Filho e a do Espírito Santo não são separáveis: Ele é “Jesus” (o Filho feito homem) “o Cristo” (presença do Espírito Santo n’Ele). Assim, Ele é verdadeiramente o centro e o ápice de toda a autocomunicação de Deus ao criado, vivendo assim, como homem (em “tradução humana”), no centro do universo criado, a divina comunhão trinitária. Fazer os homens participarem nesta comunhão, através de meios visíveis e invisíveis, divinos e humanos, equivale a fazer a Igreja, comunidade-comunhão de verdade, de amor e de vida.

No entanto, como disse o Concílio Vaticano II, a combinação-união desses diversos elementos se realiza na Igreja de tal modo que “o humano se ordene ao divino e a ele se subordine, o visível ao invisível, a ação à contemplação e o presente à cidade futura, que buscamos” (*Sacrosanctum Concilium*, 2). Por isso mesmo, na Igreja, a “comunhão dos homens com Deus pela ‘caridade que nunca passará’ (1Cor 13,8) é a finalidade que comanda tudo o que nela é meio sacramental ligado ao mundo presente que passa (cf. LG 48). ‘Sua estrutura se ordena integralmente à santidade dos membros do corpo místico de Cristo’” (*Cat.* 773); e esta santidade consiste no amor perfeito. Tudo isso, portanto, se ordena ao amor.

E, por outro lado, não podemos deixar de mencionar que o amor que cria comunhão,

Eis, portanto, o grande *dom* e, ao mesmo tempo, a grande *tarefa* entregue aos membros da Igreja, a cada um deles em seu próprio lugar dentro da Igreja, com carismas, ministérios ou serviços, estados de vida e vocações variadas, mas todos a serviço da comunhão dos homens com Deus e entre si pela “caridade que nunca passará”. É por esta comunhão que a Igreja já é verdadeira e realmente o começo do Reino de Deus neste mundo que passará.

Daí a grande exortação de Jesus, ao fundar a Igreja (no Cenáculo):

“*Permaneçei em Meu Amor*” (Jo 15,9).

Nathanael Thanner ORC

por sua vez, reclama esses elementos visíveis, institucionais, sociais, para expressar e realizar de forma concreta e perceptível, de forma “encarnada”, essa comunhão e garanti-la (cf. a obra de J. A. MÖHLER, *Die Einheit in der Kirche*, Tübingen 1825; em tradução espanhola: Id., *La unidad en la Iglesia*, Pamplona 1996).